

6/10/60
11-4-60

A CRÔNICA de Rubem Braga

OS COMUNISTAS CUBANOS

COM um repórter norte-americano e outro italiano conversei mais de uma hora com o líder comunista cubano Juan Marinello. Ele nos disse, entre outras coisas: que os comunistas ajudaram a derrubar a ditadura de Batista; que têm força na direção de muitos sindicatos e em alguns deles se associam a líderes católicos; que o movimento de Fidel Castro é dominado por uma tendência da pequena burguesia esquerdista; que em sua atuação prática esse movimento está cumprindo as metas que os comunistas estimam justas na conjuntura cubana, como a reforma agrária e a luta antiimperialista; que os comunistas não participam do Governo; que os jovens comunistas participam das milícias como jovens cubanos que são, e não como membros do partido; que nenhuma pressão os comunistas exercem sobre o Governo para o reatamento de relações diplomáticas com a Rússia ou a China vermelha, embora naturalmente estimassem o estabelecimento dessas relações; que consideram isso, entretanto, um problema de política internacional que só ao Governo cabe decidir, um problema "muy del Gobierno"; que os comunistas cubanos não recebem diretrizes do estrangeiro; que ele, Marinello, foi prêsso quatro vezes sob o regime de Batista.

O que o Sr. Marinello não disse, e eu naquele instante ignorava, é que a certa altura ele foi ministro (sem pasta) de Batista; que depois da vitória do movimento de Fidel Castro ele esteve na Rússia; que os comunistas se abstiveram de usar sua influência junto aos operários quando Fidel os conceitou a uma greve geral, e que só se bateram ao lado dos fidelistas na última fase de sua luta.

A verdade é que a princípio os comunistas não acreditaram na viabilidade da revolução lançada por Fidel Castro na Sierra Maestra; nem eles nem ninguém. Havana ignorou longamente a revolução: os comerciantes, os industriais, os operários e os políticos não lhe davam maior importância. Foram os homens do campo os primeiros a dar apoio a Fidel, a princípio apenas na província do Oriente, depois em toda Cuba; mas a grande força com que ele contou em todo o país foram os estudantes. Não é de admirar que seja tão baixa a média de idade dos homens que estão hoje no Governo. Os heróis dessa revolução foram rapazolas, meninos de ginásio, adolescentes de universidades, mocinhas de sociedade. Foram eles que fizeram a sabotagem e o terrorismo, que lançaram os coquetéis Molotov, colocaram as bombas de tempo, organizaram e realizaram atentados de toda espécie. Foram eles também os torturados e os assassinados pela Polícia.

Houve uma época em que todo rapaz menor de trinta anos era prêsso ao acaso na rua como revolucionário — e quase sempre a Polícia tinha razão. E esses moços nem sempre ou quase nunca eram comunistas; em sua maioria eram católicos, praticantes ou não, e filhos de membros dos velhos partidos de Prio Socarras e Grau.

Fidel roubou a nova geração para a sua causa; os antigos partidos sumiram por si mesmos, e só restou o comunista, mas este mesmo reduzido, e sem autoridade bastante para reclamar uma participação no Governo em que procuram influir. Agem discretamente. Sabem que o prestígio de Fidel Castro ainda é tão grande que qualquer força que quisesse contrastá-lo estaria condenada.